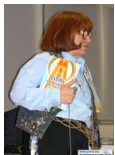


Fina D'Armada na APO

Escrito por Luís Aparício

Quarta, 08 Junho 2005 21:40 - atualizado em Terça, 12 Abril 2011 19:01

No passado dia 4 de Junho tivemos como palestrante a escritora Fina D'Armada que em parceria com Joaquim Fernandes escreveu o livro "Fátima nos bastidores do Segredo". Depois da longa prelecção, ficámos com a sensação que tudo o que está escrito sobre Fátima tem que ser olhado à luz, daquilo que esta escritora chamou de Fátima 2, altura que entram em cena os confesores Jesuítas em Tui modelam um cenário mais crístico, no qual a Lúcia é a parte menor, sendo por isso nas suas palavras "tido sido enterrada viva", quer isto dizer que foi forçada a entrar para o convento.



Fina D'Armada, conseguiu cativar-nos com a sua erudição de pesquisadora de campo, o que é diferente de ter estado agarrada a uma secretária. Disse-nos que tinha ido a Tui investigar onde esteve a Lúcia. Conseguiu também consultar os documentos do cónego Formigão. Tivemos a oportunidade de a convidar a Fina D'Armada para outras palestras, as quais

acedeu.

Solicitámos que nos deixasse publicar algumas palavras do seu livro, tendo amavelmente dado o seu consentimento. Assim colocamos abaixo essas páginas que passámos pelo OCR.

“Fátima – Nos bastidores do Segredo” Fina D’Armada e Joaquim Fernandes

Pagina 26 OPERAÇÃO FÁTIMA

Nesse dia, os três jornais (talvez existam outros) publicavam um texto datado na antevéspera, subscrito por um espírita de nome António, procedente do Porto. Na essência, o pré-aviso anota que «no dia treze do corrente há-de dar-se um facto, a respeito da guerra, que impressionará fortemente toda a gente».

No Jornal de Notícias trata-se de uma «Revelação sensacional», grafado com letras destacadas a negro, mas o texto fica-se por aí, relacionando a guerra com o espiritismo. No entanto, nos restantes periódicos, os jornalistas fazem comentários jocosos. Um espírita profeta era algo inaceitável, outrora como hoje. No jornal Liberdade, dizia-se em tom de ironia, que nesse dia 13 de Maio se ia dar algo importante «a respeito da guerra, de grande transcendência e de grandes consequências. Se tal não se der, ficam desacreditados os espíritos e a sua encarnação material».

Inadvertidamente, o jornalista desprevenido leu no postal mais do que ele dizia, revelando-se também profeta, ao falar em «grande transcendência e grandes consequências», que foi realmente o que acabou por acontecer com as aparições de Fátima. Todavia, quem comenta em profundidade o teor do postal de António é um conhecido jornalista da época, Guedes de Oliveira, redactor de O Primeiro de Janeiro.

Nesse jornal, a revelação vem na primeira página, com o título «Espiritismo». É um artigo extenso, tipo artigo de fundo, à dimensão do futuro acontecimento.

Guedes de Oliveira (Henrique António, 1865-1932) é um nome cuja biografia se pode ler na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Foi republicano em tempos de monarquia e era anticlerical. Escritor dramático, fotógrafo premiado internacionalmente, foi Director da Escola de Belas-Artes do Porto. Possuía o curso de arquitecto, existindo ainda, em Rio Tinto, a casa de traça original que mandou construir. Hoje, ainda, vivem lá os seus descendentes. Na cidade de Rio Tinto, deram seu nome a uma rua e a uma travessa.

Depois de publicar o postal, igual ao que transcrevemos do Jornal de Notícias, precedido das palavras: «Acabo de receber a sensacional informação...», o reconhecido jornalista deu à estampa as ideias que se seguem, das quais retiramos um extracto, com

Pagina 27 PRÉ-ANÚNCIO DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA NA IMPRENSA

Fina D'Armada na APO

Escrito por Luís Aparício

Quarta, 08 Junho 2005 21:40 - atualizado em Terça, 12 Abril 2011 19:01



Para reparar o que tivemos a Cristina Cosmelli Silva a fazer uma resenha do mês sobre a